

A pandemia kafkaniana de Saramago: uma análise sobre a negação da morte na sociedade contemporânea

Saramago's kaffkian pandemic: an analysis on death-denying behaviour in contemporary society

José Luiz Balestrini Junior

Mestrando em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM da Universidade Paulista UNIP, São Paulo; Formado em Psicologia pela Universidade de São Paulo; Especialista em Psicologia Junguiana e membro docente do Instituto Junguiano de Ensino em Pesquisa; Especialista em Medicina Tradicional Chinesa; Membro do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário, São Paulo; Áreas de Interesse: Imaginário, Sonho, Comunicação, Mitologia, Tecnologia. Email: balestrini@lungfu.com.br.

Leonardo de Souza Aloiz Torres

Doutor em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM da Universidade Paulista UNIP, São Paulo. Autor de periódicos como: O zumbi no imaginário mediático: Zumbi e Pulsão de Morte na Sociedade Mediática (E-COMPÓS); Imaginário e Contágio Psíquico (INTEXTO); Contágio Imaginário: comoções coletivas da Grande Mãe nos rituais marianos (PAULUS). Sobre simulacros: a (im)potencialidade arquetípica do imaginário tecnolôgiconuminoso da tecnologia da comunicação (MEDIACÇÃO). Capítulo de Livro: Uma Síntese das Ideias de Beltrão sobre Igreja e Jornalismo. In: José Marques de Melo, Marli dos Santos. (Org.). Mutações na Comunicação: ampliando as fronteiras do Jornalismo Luiz Beltrão. Ied.São Bernardo do Campo: Universidade Metodista. Membro do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário, São Paulo. Foi no mestrado e doutorado agraciado com bolsa PROSUP-CAPES. Área de Interesse: Imaginário; Contágio Psíquico; Mitologia; Comunicação; Tecnologia. Email: leosouzatorres@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo fazer uma reflexão do comportamento de negação da morte na contemporaneidade. Alguns dos principais sintomas dessa incapacidade humana de lidar com as antinomias inerentes à sua própria existência são os fenômenos pandêmicos, incluindo o COVID-19. Muitos autores de ficção profetizaram tais acontecimentos em seus trabalhos e como exemplos de alguns deles podemos citar Franz Kafka, Albert Camus e José Saramago. A metodologia escolhida foi uma coleta bibliográfica e documental, que se funda em diversas fontes como livros de romance, livros de divulgação científica e periódicos. Especificamente, para a presente reflexão escolhemos como pano de fundo a obra de Saramago intitulada “As intermitências da morte”. Ao longo do texto traçamos paralelos com ideias e conceitos de autores das áreas da filosofia, antropologia, teoria da comunicação e psicologia a fim de discutir a escassez da capacidade simbólica e imaginativa humana que lida com o fenômeno da morte.

Palavras-Chave

Morte; Literatura; Psicologia; Mídia Eletrônica; Corpo.

Abstract

The main purpose of this article is to consider and think about the human behavior of death-denying in contemporary times. Some of the main symptoms of the human inability to deal with the intrinsic antinomies of its own existence are the pandemic phenomena, including COVID-19. Many fictional authors prophesied such events in their works. Examples of some of them are Franz Kafka, Albert Camus and José Saramago. The chosen methodology for the present study is a bibliographic and documentary research which is based on several sources such as fictional romances, scientific books and periodicals. For the considerations presented here we chose Saramago's work entitled “Death with interruptions” as our metaphorical ground. Throughout the text we draw parallels with ideas and concepts from authors from the fields of philosophy, anthropology, communication theory and

psychology in order to discuss the scarcity of human symbolic and imaginative capacity while dealing with the phenomenon of death.

Keywords

Death; Death-denying; Literature; Electronic Media; Body.

Introdução

O escritor português José Saramago (2005) incita uma reflexão filosófica com a ideia da própria morte abandonando-nos sob a responsabilidade exclusiva da vida em seu livro “As Intermitências da Morte”. Já, Albert Camus (2019) ensina sobre o absurdo¹ que caracteriza a possibilidade de se viver plenamente somente quando aceitamos a morte, coisa que o personagem da mitologia Sísifo² não conseguiu fazer. De certa forma, tudo isso já nos conduz para um movimento que rememora diretamente o universo kafkaniano em que os personagens procuram respostas que nunca irão encontrar e, mesmo assim, precisam entregar-se para o processo, seja ele qual for. No presente artigo procuramos estabelecer paralelos entre as concepções de “morte” destes autores e o momento sócio-histórico pandêmico em que vivemos, principalmente, por meio da mídia eletrônica.

O presente estudo, metodologicamente, é uma pesquisa documental e bibliográfica. A coleta bibliográfica e documental funda-se em diversas fontes como livros de romance, livros de divulgação científica e periódicos. A seleção do material foi definida a fim de perseguir a pergunta e os objetivos supracitados. Com este material organizado e apreendido, realizou-se uma análise argumentativa do tema. Vale ressaltar que de forma alguma em nosso texto tentaremos reduzir a arte de maneira racionalista. Defendemos, acima de tudo, a necessidade de uma análise à luz da complexidade (MORIN, 2005) e simbólica (JUNG, 2015). Nesse sentido, nos curvamos perante a genialidade das obras desses autores.

Para dialogar com esses autores escolhemos Carl Gustav Jung e outros estudiosos da psicologia profunda que nos ajudaram a refletir sobre a antinomia vida e morte, tanto no campo das obras literárias ficcionais, quanto na realidade contemporânea. Para discutir o atual momento de imersão em telas digitais e relacionar com a problemática da morte, do COVID-19 e de outros fenômenos pandêmicos trouxemos Norval Baitello Júnior e Malena Segura Contrera.

1. Antinomias

De acordo com o conceito de enantiodromia, cunhado originalmente pelo filósofo e pai da dialética Heráclito, as coisas possuem uma tendência natural a se tornarem seus opostos. Essa palavra significa originalmente no grego literalmente “correr na direção contrária” (JUNG, 2014, p. 84). A partir dessa ideia Jung (2014) desenvolveu a teoria de que

¹ Segundo Albert Camus o absurdo é caracterizado pela capacidade humana de inventar significado para a própria existência num mundo onde reina o caos. “Trabalhar e criar ‘para nada’, esculpir na argila, saber que sua criação não tem futuro, ver essa obra ser destruída em um dia, estando consciente de que, no fundo, isto não tem mais importância que construir para os séculos, eis a difícil sabedoria que autoriza o pensamento absurdo.” (CAMUS, 2019, p. 113-114)

² Sísifo, para a mitologia grega, é o mortal que tenta enganar a morte e é castigado pelos deuses por isso. “Sísifo, o mais astuto e inescrupuloso dos mortais [...]. Um dia, porém, Tânatos veio buscá-lo em definitivo e os deuses o castigaram impiedosamente, condenando-o a rolar um bloco de pedra montanha acima. Mal chegando ao cume, o bloco rola montanha abaixo, puxado por seu próprio peso. Sísifo recomeça a tarefa, que há de durar para sempre. (BRANDÃO, 571-572).

um movimento energético idêntico acontece na psique humana. Esse rebote libidinal surge quando a unilateralidade da consciência empurra o indivíduo para um tipo de comportamento que exclui a possibilidade de integração da força oposta a ele mesmo (JUNG, 2016). Para a psicologia analítica, a doença, seja ela psíquica ou somática, nasce com a incapacidade da pessoa ou da sociedade para viver antinomias.

De acordo com Morin (1979), não existe questão maior e que ocupe mais tempo entre as preocupações e reflexões humanas do que o par de opostos (a antinomia) vida e morte. Para Freud (2013), Eros e Tânatos são os mitos fundantes da existência humana e arquetipicamente determinam as pulsões originais que nos impulsionam a construir e destruir. Assim podemos afirmar que os dois surgem juntos. Rafael Lopes-Pedraza afirma que “a morte entra no mundo com o corpo e permanece como sua constante companheira ao longo do trajeto da vida” (2002, p. 62).

A morte, portanto, é companheira da vida. Ou, pelo menos, deveria ser. Numa cultura em que a morte não tem lugar³, a vida também perde seu brilho: uma não pode existir sem a outra e as duas passam a ser banalizadas no momento em que negligenciamos e/ou abandonamos o corpo (KAMPER, 1998). É nele que essa e todas as demais antinomias instauram-se desde o momento da concepção e ao longo da vida.

Conforme Silva (2012), na cultura, o ser humano fundou sua percepção de realidade, seus pensamentos e crenças a partir de opostos: feminino e masculino, *yin* e *yang*, em cima e abaixo, bom e mau, etc. Já, ontogenicamente, com a gestação, sabemos que as situações opositivas vividas pela mãe serão sentidas e experimentadas pelo feto: prazer e dor, distresse e eustresse, alegria e raiva, felicidade e tristeza. Depois do nascimento, ao longo do nosso desenvolvimento físico, psicológico e social iremos aprender a diferenciar o certo e o errado, o bem e mal, caos e ordem. Tudo isso de acordo com nossa cultura e com os valores que nos são transmitidos socialmente. E tudo sempre inscrito diretamente em nossa psique e corpo como um sistema único (JUNG, 2018).

Portanto, o ser humano é marcado pela antinomia e por isso toda unilateralidade exagerada irá resultar em adoecimento. Negar a vida é negar a morte, negar a morte é negar a vida e negar o corpo é negar as duas (CONTRERA, 2017). A atual pandemia de COVID-19 e o consequente isolamento social que tivemos que viver forçadamente acelerou o movimento de abandono do corpo que já vinha acontecendo com o fenômeno da iconofagia, que pode, por sua vez, ser considerada uma epidemia das imagens.

Como o alimento das imagens é o olhar e como o olhar é um gesto do corpo, transformamos o corpo em alimento do mundo das imagens – refiro-me aqui a um dos tipos de “iconofagia” possíveis (cf. Baitello, 1999a, e Baitello, 2000) –, inaugurando um círculo vicioso. Quanto mais vemos, menos vivemos, quanto menos vivemos, mais necessitamos de visibilidade. E quanto mais visibilidade, tanto mais invisibilidade e tanto menos capacidade de olhar. Assim, o primeiro sacrifício desse círculo vicioso termina por ser o próprio corpo, em sua complexidade multifacetada, tátil, olfativa, auditiva, performática e proprioceptiva. A redução do corpo a “observador da observação” é o testemunho mais patente de um processo de perda da propriocepção (o sentido do corpo para a percepção de si mesmo). A transferência das vivências do corpo para o mundo das imagens significa também sua transferência para um tempo in eífie, congelado em um eterno presente e, portanto, sem presente. A imagem de um presente será sempre a sua própria ausência. Tal qual já estava presente na palavra latina *imago*, a imagem se associa ao retrato da morte. (BAITELLO, 2104, p. 93)

³ Para aprofundar, cf. Freud (2011), em o “Mal-estar na Civilização” e Contrera e Torres (2018), em “O Zumbi no Imaginário Mediático”.

Segundo o conceito explorado por Baitello vivemos uma era onde devoramos imagens enquanto somos devorados por elas. Dessa forma o corpo fica reduzido a apenas dois sentidos: a visão e a audição. Muitas vezes, com a experiência digital sendo reduzida à estímulos visuais, nem mesmo a audição é estimulada restando apenas o olhar. O corpo, que mesmo antes da atual pandemia já era deixado de lado num movimento crescente de abandono, se torna cada vez mais obsoleto. A pessoa humana passa a se comportar como mero espectador da imagem morta, um viciado que não consegue desenvolver e exercer seu poder reflexivo. Anestesiados, os indivíduos afastam-se de tudo, especialmente do próprio corpo.

Dos nossos sentidos, só são convocados aqueles que exercemos à distância: a visão e a audição. O nosso corpo não precisa estar próximo de mais nada; o tato, o olfato, o paladar são dispensados porque um corpo fremente não é necessário na passividade do espetáculo. (BARROS, 2018, p. 31)

Assim tentamos eliminar os conflitos internos com a esperança inconsciente de que isso será resolvido fora de nós mesmos, ou seja, nas telas. O indivíduo não precisa pensar naquilo que o toca internamente porque os algoritmos oferecem uma quantidade exaustiva de imagens que não permitem que ele viva o presente (AMADEU, 2017). Estar aqui e agora requisitaria da pessoa a capacidade para encarar e pensar sobre a morte sempre iminente. Aceitar a dor e a perda é uma ação malquista e mal vista por nossa sociedade capitalista que prega o prazer desmedido, a produção desenfreada e o ganho constante e exagerado. Nas palavras de Marshall Berman, “não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que aí vivem foram moldadas por suas barras; somos seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal — quase podíamos dizer: sem ser.” (1986, p. 22)

Retomando o fenômeno da enantiodromia, conforme Jung (2014), na psique individual ela age tomando conta de todas as esferas do viver lançando o indivíduo em turbilhões de emoções opostas àquilo que ela procura em exagero. Por exemplo: um indivíduo que busca a segurança o tempo inteiro só o faz porque internamente se sente extremamente inseguro; aquele que tenta controlar o ambiente externo em todos os seus detalhes revela um descontrole interno muito grande. Esse fenômeno torna-se cada vez maior com o passar do tempo criando um círculo vicioso que pode atingir proporções desmesuradas. Quanto mais ele busca a segurança, mais o sentimento contrário cresce dentro dele podendo chegar ao ponto de levá-lo a atacar violentamente o mundo externo por sentir-se ameaçado. Se, ao contrário, abre mão de tais fantasias e passa a viver o sentimento, seja ele qual for, como uma parte normal, genuína e necessária do seu ser, o sintoma desaparece. Em outras palavras a questão não está naquilo que sentimos e sim em como vivemos aquilo que sentimos. O problema então não é a morte em si, mas como ela é encarada. Quando tentamos fugir dela corremos diretamente em sua direção. Não é à toa que vivemos em uma época de aprisionamento nas imagens exógenas e encontramos nelas apenas a morte disfarçada de vida. Se a imagem é por natureza a representação de algo morto, a imagem simulada da vida representa a sua ausência (BELTING, 2007). Podemos ver isso nas imagens idealizadas do corpo fabricadas nos dias de hoje por *softwares* de edição⁴, são corpos mortos pelo simples fato de serem falsos. Assim, por força da natureza enantiodromica de sua psicologia, o ser humano é lançado de volta ao corpo e a morte.

Infelizmente a negação e o afastamento do corpo só poderia levar o ser humano de volta a ele de maneira sintomática. No desespero de sentir algo o indivíduo acaba punindo sua própria carne das maneiras mais absurdas. A devoração das pessoas pelas imagens se manifesta principalmente por meio de comportamentos compulsivos (BAITELLO, 2014). Isso se revela de muitas maneiras diferentes: no ato de comer ou beber exageradamente, com

⁴ cf. Nicolósi (2018).

o uso de drogas (lícitas ou ilícitas), na prática de exercícios físicos em demasia. Podemos ainda encontrar essa necessidade de entrar em contato com a morte nos jogos que a desafiam⁵, divulgados principalmente entre adolescentes, e nos esportes radicais. No comportamento conhecido como *cutting*, em que os jovens costumam cortar o próprio corpo. O trabalho tornado vício é também um sinal da entrega do corpo de maneira nociva à própria saúde. Esses são apenas alguns exemplos de como a fuga da morte e o afastamento do corpo leva o indivíduo a tentar de toda e qualquer maneira encontrar com a senhora encapuzada, nem que seja por alguns breves momentos. Torna-se uma necessidade psicossomática aproximar-se dela, vê-la de perto e sentir algo, nem que isso seja apenas dor. As pessoas se tornam mortos vivos, zumbis devoradores de qualquer coisa possível de ser sentida (CONTRERA e TORRES, 2018). o indivíduo acaba punindo sua própria carne das maneiras mais absurdas. A devoração das pessoas pelas imagens se manifesta principalmente por meio de comportamentos compulsivos (BAITELLO, 2014).

Até agora estivemos falando basicamente de indivíduos, mas obviamente que esse fenômeno pode ser ampliado também do ponto de vista sociocultural⁶. De acordo com o conceito de projeção da psicologia, aquilo que é vivido como estranho em mim acaba sendo tomado apenas como parte constituinte do mundo exterior, ou seja, do outro.

Todos os conteúdos de nosso inconsciente são constantemente projetados em nosso meio ambiente, e só na medida em que reconhecemos certas peculiaridades de nossos objetos como projeções, como [imagens], é que conseguimos diferenciá-los dos atributos reais desses objetos. Mas se não estamos conscientes do caráter projetivo da qualidade do objeto, não temos outra saída senão acreditar, piamente, que esta qualidade pertence realmente ao objeto (JUNG, 2017, p. 216).

Se um grupo grande de pessoas começa a concordar com tal ideia projetando, por exemplo, aquilo que é considerado a representação do mal em um grupo específico – normalmente uma minoria –, podemos ter um problema social de proporções catastróficas⁷. De maneira prática, isso pode se manifestar desde a eleição de líderes políticos completamente despreparados e idiotas – no sentido etimológico, como sendo aquele que só consegue enxergar a si mesmo – até em casos como os que aconteceram na Itália fascista e na Alemanha nazista. Mussolini e Hitler eram apenas depositários de todo um deslocamento social de valores sombrios individuais. Jung apontou que esse problema não fazia parte somente da psicologia italiana ou alemã, e sim de todos os europeus (JUNG, 2012). A sombra coletiva existe e é real, temos provas atuais disso quando olhamos para casos de envergonhamento público onde o bode expiatório serve como depositário de todo o mal projetado da coletividade (GIRARD, 2004). Nos dias de hoje isso acontece com frequência nas redes sociais e muitas vezes extrapolam para o mundo físico resultando em violência e, em alguns casos, até na morte de alguns envolvidos. Os nazistas projetaram o mal que existia dentro deles nos seus inimigos e acabaram tornando-se exatamente aquilo que acusavam os outros de serem: monstros. A sombra nazista foi um sintoma que apontou para a necessidade humana de olhar e mergulhar no seu mundo interior para encarar e integrar o mal que existe em si. Só podemos reconhecer fora aquilo que de alguma maneira existe também em nós mesmos. Sabemos o que é a vergonha porque a sentimos. Assim como a alegria, o ódio, a raiva ou qualquer outro sentimento. É impossível reconhecer algo – internamente ou

⁵ Cf. Sob as Asas de Tánatos, trabalho de Contrera e Torres (2019) que demonstram como a pulsão de morte, principalmente dos “Desafios da Internet” estão no top trends do Google.

⁶ Morin (2005) elucida esta questão a partir do princípio Hologramático da Complexidade: o todo está na parte como a parte está no todo.

⁷ Este fenômeno também é conhecido como “Bode Expiatório” (GIRARD, 2004).

externamente - que nós mesmos não tenhamos experimentado. Portanto, se não enxergamos a morte em nós mesmos, a encontraremos projetada fora.

Em uma cultura cada vez mais unilateralizada que tenta negar a morte literalmente e simbolicamente pode-se depreender que o ser humano transfere a sua vida para o mundo virtual em que as imagens estão sempre fora, projetadas e mobilizando a energia psíquica que poderia ser aplicada de maneira criativa. Isso reflete o entendimento de Sodré (2013) quando aponta sobre o Ethos Midiático, ou seja, a forma de ser/estar no mundo se dá a partir da mídia eletrônica. Sem contato com o imaginário e o mundo simbólico, as pessoas tornam-se fantasmas que vagam surfando durante horas seguidas pela *World Wide Web* experimentando imagens técnicas – por vezes, *fake news*, mas sempre cópias infíeis e simulacros da realidade (BAUDRILLARD, 1991). A morte negada leva com ela a vida enquanto o corpo se torna uma casca vazia. Os dados da utilização exagerada e compulsiva da internet, principalmente das redes sociais, mostram claramente como o indivíduo contemporâneo está aprisionado e cada vez mais afastado dos valores que deveria torná-lo humano.

A crescente migração da energia dos Imaginários Culturais para o Imaginário Mediático – padronizado e hegemônico – é talvez um dos maiores sintomas de como nossa época padece da crise do simbólico e de como procura ocupar o lugar deixado pelos deuses e pela transcendência, com o consumo e a tecnolatria. Por outro lado, sabemos que a imagem simbólica cedeu gradativamente lugar, no mundo tecno-burocrático do Capitalismo, para a imagem técnica, num movimento em que a complexidade cognitiva é transferida do pensamento e da consciência humanos para os programas dos aparelhos cujo funcionamento nos escapa. (CONTRERA, 2015, p. 457)

Metaforicamente, a morte simbólica foi assassinada. Restou somente seu correlato literal. Em desequilíbrio, ela torna-se objeto de desejo e obsessão que precisa ser vivida na carne do próprio indivíduo ou, de maneira projetada, no corpo do outro. Surge a necessidade de matar alguém para não morrer, esse alguém pode ser o outro ou uma parte de si mesmo.

Basta um pequeno movimento reflexivo para percebermos que vivemos constantemente um movimento de contágio que pode não ser sempre viral ou bacteriológico, mas é com certeza psíquico e por isso também se manifesta no corpo (CONTRERA e TORRES, 2017). Somos contagiados socialmente, culturalmente, dentro do nosso próprio núcleo familiar, presencialmente ou à distância por força da mídia (CYRULNIK, 1997). Somos rede, somos contágio, somos epidemia e pandemia. Antes do COVID19 já vivíamos a pandemia que trouxe o vírus exatamente como rebote energético daquilo que negamos.

Vivemos a pandemia da negação da morte e seus sintomas são o abandono do corpo, a iconofagia, o suicídio ou o para-suicídio, as guerras, a atual crise de identidade individual e coletiva, entre outros. O próprio COVID-19 não é somente uma pandemia isolada, é também um sintoma que aponta para o fato de que precisamos mudar urgentemente algo em nosso comportamento se quisermos ter alguma esperança de caminhar na direção de um futuro não muito distópico. Quanto mais afastados estivermos simbolicamente da morte, mais literal e exagerada será a necessidade dela se manifestar.

2. Não morrer

Se uma das maiores angústias do ser humano é viver esperando pela morte⁸, imagine se vivêssemos sem saber se morreríamos. Sabemos que a morte é natural e inevitável, mas e se a morte tirasse férias? E se de repente as pessoas parassem de morrer sem saber se isso voltaria um dia a acontecer? Seria possível imaginar tal angústia? Seria a angústia de não saber se morreremos maior do que não saber quando isso irá acontecer?

No dia seguinte ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido, fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra dada. (SARAMAGO, 2005, p. 11)

Exatamente assim começa a história contada por Saramago em seu livro “As intermitências da morte”. De uma hora para outra, na passagem de um ano velho para um novo, a morte resolve parar de agir. O fato disso acontecer exatamente na virada do ano pode significar muita coisa. A morte tinha um objetivo certo, não nos parece aleatório que tenha acontecido dessa maneira. O ano velho não morre, fica, junto com o resto da população daquele país, em suspensão. Sem explicação ela passa a permitir que todos vivam, não importando seu estado de saúde, dilaceração física, doença terminal ou emocional. Até o suicídio fica negado. Aqui já aproveitamos para traçar um paralelo com a vida real: essa é a epidemia que antecede a epidemia. Quando decidimos, como cultura, negar a morte e o corpo, assinamos nossa sentença do não-viver. O COVID-19 é parte da resposta para a nossa *hybris*⁹. Se acreditamos que podemos enganar Tântatos, estamos mentindo para nós mesmos.

Tântatos, em grego *Θάνατος* (Thánatos), tem como raiz o indo-europeu *dhuen*, “dissipar-se, extinguir-se”. O sentido de “morrer”, ao que parece, é uma inovação do grego. O morrer, no caso, significa ocultar-se, ser como sombra, uma vez que na Grécia o morto tornava-se *eídolon*, um como que retrato em sombras, um “corpo insubstancial”. [...] Na iconografia antiga, Tântatos é representado por um túmulo, uma personagem armada com uma foice, um gênio alado, dois jovens, um preto, outro branco, um esqueleto, um cavaleiro, uma dança macabra, uma serpente, um animal psicopompo, como o cavalo, o cão (BRANDÃO, 1986, p. 225-227).

Alguns mitos abordam esse tema e a história de Sísifo é um deles. Assim como ele, pensamos que poderíamos enganar os deuses, roubar a vida eterna. Como no mito, fomos castigados com a tarefa de carregar a pedra em nossas costas colina acima, dia após dia, acreditando que da próxima vez será diferente e que em algum momento conseguiremos alcançar nosso objetivo de colocá-la no topo. Porém, isso nunca acontece e repetidamente reiniciamos o trabalho e o esforço sem saber de verdade a razão por que o fazemos. Sem perceber que o que precisamos é uma mudança de conduta, continuamos simplesmente repetindo os mesmos padrões de comportamento. A atitude necessária seria a de desfazer a ordem, entregar-se para o caos, aceitar e abraçar a morte simbólica para que um novo eu tivesse a chance de surgir (JUNG, 2014). Sem nunca descobrir o porquê, Joseph K., personagem principal de “O processo” de Kafka, aceita morrer degolado “como um cachorro”

⁸ Cf. Morin (1979).

⁹ Conceito grego para aquilo que tudo o que passa da medida, o excesso e o descomedimento. (BRANDÃO, 2014).

(2005, p. 270). Não tem a menor ideia do que irá seguir, mas aceita a morte como parte do processo. Uma nova atitude, um novo comportamento e uma nova situação criativa de vida só podem surgir quando aceitamos morrer simbolicamente (HILLMAN, 2011). Sísifo, no entanto, está fadado a passar a eternidade sem perceber isso. Imitando o mito, muitos de nós carregam em nossas costas a possibilidade de desenvolvimento anímico. Poderíamos ampliar de muitas maneiras diferentes a imagem da pedra que ele carrega, e quase todas elas apontam para a conexão entre ela e a alma humana.

Tradicionalmente, a pedra ocupa um lugar de distinção. Existe entre a alma e a pedra uma relação estreita. Segundo a lenda de Prometeu, procriador do gênero humano, as pedras conservam um odor humano. A pedra e o homem apresentam um movimento duplo de subida e de descida. O homem nasce de Deus e retorna a deus. A pedra bruta desce do céu; transmutada, ela se ergue em sua direção. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015, p. 696)

Burocratizamos a vida acreditando que a felicidade sempre depende de uma nova conquista, de mais dinheiro, mais posses e propriedades, sejam elas materiais ou sociais (MAGALDI, 2009). Poucos de nós percebem que dessa forma o tal sentimento de satisfação nunca chega. A humanidade encontra-se numa crise enorme caracterizada pela ausência de valores e um vazio interno abismal enquanto na vida cotidiana externa está mergulhado numa quantidade sem precedentes de possibilidades (BERMAN, 1986). Essa é a morte de Deus descrita por Nietzsche e o próprio niilismo¹⁰.

Mas de onde vem a possibilidade de uma nova atitude? Para que o indivíduo possa retornar do mundo das trevas como o herói que traz consigo o elixir que pode mudar a vida de toda a coletividade é preciso que ele, em um ou mais momentos de sua jornada, se entregue para a morte e aceite a mudança (CAMPBELL, 1997). Nas narrativas mitológicas essa é sempre a sina do herói. Portanto, um mundo sem morte é um mundo sem heróis. O ser humano contemporâneo em sua grande maioria está preso em padrões de repetição de comportamento e não consegue avançar no caminho da ampliação da consciência que só pode acontecer com a aceitação da morte. O mundo descrito por Saramago mostra exatamente essa dinâmica. Num primeiro momento, com a morte abandonando suas funções, surge um frenesi e uma euforia toma conta da população que entende a vida eterna como uma dádiva. Não há preocupação de onde veio a ordem e se isso irá se tornar desordem. Porém, como consequência comum de qualquer estado de euforia, advém a ressaca e a tristeza necessárias para o equilíbrio natural das coisas. Logo a vida individual e coletiva se torna novamente um inferno construído principalmente pelo fato do ser humano continuar no mesmo movimento capitalista de exploração da matéria prima que se tornou, além de todo o resto da natureza, a própria espécie a que ele pertence. O *sapiens*, nesse sentido, é mesmo *lupus* do *sapiens*¹¹.

Na história os doentes moribundos, vítimas de acidentes ou da violência, acumulam-se como corpos que deveriam estar mortos nos hospitais. Um retrato simbólico daquilo que vivemos hoje em nossos lares tornados escritórios e, ao mesmo tempo, literal do que o mundo sofreu durante a pandemia do COVID-19. Uma verdadeira hecatombe com a acumulação de mortos e um número grande de indivíduos paralisados no limiar da passagem da vida para a morte. O mais absurdo é perceber que os mesmos comportamentos viciados de sempre estão apenas esperando a nova falsa sensação de segurança surgir para que eles voltem a reinar. Com clara exceção das interações sociais presenciais que parecem seguir uma tendência ainda maior de diminuição após esse período de isolamento. Sem trocas presenciais, só podemos imaginar uma situação ainda pior da que vivemos até hoje. Sendo a troca uma característica

¹⁰ Cf. Nietzsche (2012).

¹¹ Cf. HOBBS (2002).

exclusiva da vida, nos parece claro que estamos vivendo uma sociedade formada por uma quantidade de seres cada vez mais mortificados.

Todos os organismos são porosos. Só os mortos estão fechados e já não fazem trocas com o meio ambiente. É por isso que os animais ou homens isolados acabam por perceber o próprio corpo como um objetivo exterior. As situações de provação sensorial revelam até que ponto qualquer ser vivo isolado procura estimular-se desesperadamente. Balança-se nas patas, passa a mão em frente dos olhos, fareja o seu próprio odor, lança gritos estereotipados ou deambula sem cessar, a fim de criar uma sensação de vida. Está avidez explica por que razão qualquer informação sensorial, ao passar nesse momento pelo deserto mental, os cativa para sua enorme felicidade. Ao preencher o seu mundo, a sensação de ser possuído engendra um sentimento de existência. (CYRULNIK, 1997, p. 113)

As pessoas presas em frente às telas parecem se comportar exatamente como na descrição acima. Procuram de qualquer forma chamar a atenção dos seus seguidores por meio de atitudes corporais absurdas. Lançam gritos, aceitam desafios ilógicos, escalam prédios cada vez mais altos somente para conseguir uma boa foto ou vídeo. Muitos morrem no processo. Fazem um esforço sobre-humano para tornarem-se espetáculo e aumentar o número de curtidas e visualizações de suas publicações nas redes sociais. Números que na verdade não significam pessoas reais, mas apenas simulações de relações. Preenchem seu mundo interno com imagens técnicas estereotipadas que negam a conexão com o mundo interno e ocupam os espaços das imagens simbólicas da fantasia (KALLAS, 2017).

Retomando o romance de Saramago, no país onde ninguém morria os negócios da morte começam a ser afetados. A religião institucionalizada como empreendimento lucrativo passa a sofrer uma crise, já que a pedra fundamental da promoção da fé é a morte. Sendo a religião uma coisa da terra e não do céu, todos poderiam passar a entender que sem a morte não haveria mais sentido esperar por algo depois da vida. O mesmo acontece com a filosofia¹². Se filosofar é aprender a morrer, para que filosofar? Não é a toa que no mundo real atual estamos acabando com o ensino da filosofia, tratando-a como algo sem valor. Numa existência onde a morte não é uma questão, não encontraremos motivos para que aprendamos a lidar com ela. Os verdadeiros ensinamentos religiosos - aqueles que buscam a religião (*religare*) ou a reflexão sobre as escolhas e comportamentos humanos perante o divino (*relegere*) (AZEVEDO, 2010) - também sofrem com a ausência da morte. Não existem razões para uma reconexão ou um diálogo com os deuses, afinal, sem o temor à morte, não é necessário buscar a redenção. Mais uma vez, Deus está morto, os deuses estão mortos. O indivíduo que não pode morrer torna-se seu próprio deus.

Sem a morte exterior, seu duplo que habita nosso imaginário fica sem rumo. As pessoas acreditam ter se livrado dela só para entender que internamente ela continua lá, porém agora sem função. Um personagem interno não pode existir dessa maneira, ele precisa manifestar-se e irá agir para que isso aconteça. Se isso não acontece de maneira simbólica, inevitavelmente irá ocorrer de maneira literal, no mundo externo (HILLMAN, 1993). Assim foi com Wotan que, negado como manifestação natural da psique, manifestou-se no inconsciente do povo alemão levando-os à barbárie. Segundo Edgar Morin (1975) os rituais possuem a função de harmonizar. Os ritos atualizam os mitos que por sua vez são tentativas simbólicas de explicar o inexplicável. A linguagem mítica é paradoxal e cheia de contradições, exatamente para que sua interpretação não seja literalizada e reduzida a uma única explicação (CONTRERA, 2003). Sem os tradicionais ritos de passagem o ser humano não aprende a lidar com a mudança. Tântatos, deixado de lado, sem receber atenção,

¹² Cf. Lidberg (2018).

manifesta-se nos filmes, músicas, tatuagens e de maneira obsessiva nas ideações suicidas, no próprio suicídio e comportamentos para-suicidas. Não podemos nos esquecer de que são os rituais funerários que inauguram o simbolismo cultural. A necessidade de entender para onde vão aqueles que nos deixam no mundo dos vivos. A reverência e a referência aos mortos são partes constituintes da cultura (MORIN, 1975).

Saramago brinca metaforicamente com a ideia de uma concretização do desejo humano de se ver livre da morte. Fazendo isso, nos ajuda de maneira quase forçada a olhar de maneira simbólica para ela. Nos traz de volta para a questão através da personificação artística dessa força natural e fundante da própria vida que representa o caos, a mudança, a possibilidade do surgimento do novo. Diz de maneira clara que se tudo isso fosse literal não saberíamos ou não estaríamos prontos para lidar com o fato.

3. A era da mídia kafkaniana

Como disse Albert Camus, “o mundo de Kafka é na verdade um universo indizível onde o homem se dá ao luxo torturante de pescar numa banheira, mesmo sabendo que dali não sairá nada.” (2019, p. 131).

Vamos nos imaginar entrando num castelo. Passamos pela primeira grande porta e agora estamos numa pequena sala vazia que nos oferece duas portas, uma à nossa esquerda, outra à nossa direita. Vamos supor que escolhemos seguir para a direita e passando pela porta chegamos a outra sala onde a cena se repete. Escolhemos agora ir para a esquerda para chegar à terceira sala com outras duas portas. Se voltarmos pelo caminho e fizermos uma escolha diferente, nos deparamos com duas portas, uma à nossa direita e outra à nossa esquerda. Depois da quarta ou quinta sala já não sabemos mais como voltar para a entrada do castelo. Em nossa visão, isso descreve a aventura das pessoas pelo mundo virtual, principalmente nas redes sociais. As imagens técnicas se apresentam como um labirinto de laboratório, com a grande diferença que essa construção de um Dédalo algorítmico não tem fim. No laboratório os ratos tem a possibilidade de encontrar a saída, enquanto isso será impossível para usuários da rede porque nela a saída simplesmente não existe. A única maneira de salvar-se é retornar para o corpo, e esse retorno significa aceitar a morte. Nas palavras de Baitello:

Assim, são hoje as imagens que nos devoram: um mundo de paraísos pré-adâmicos, somente acessíveis se abandonarmos nossos corpos, se os deixarmos definitivamente para trás, em prol de uma existência apenas em imagem. (2014, p. 23)

Os meios de comunicação, assim com os filósofos, religiosos, políticos e agentes funerários tiveram que passar por adaptações quando a morte resolveu sair de férias. Acostumadas a divulgar o terror e o pânico, não sabiam muito bem como espalhar a notícia de que ninguém mais morreria. Foram forçados a se render e dizer que aquilo era uma coisa boa e não uma desgraça. Por isso mesmo a satisfação foi grande quando a própria morte resolveu utilizar seus serviços para comunicar que voltaria à ativa. Ela envia para uma emissora de TV uma carta de próprio punho que deveria ser levada a público explicando que a partir da meia noite daquele dia as pessoas voltariam a morrer normalmente e *sem protesto notório*. A inevitabilidade retornava. Os jornais puderam retornar à sua atividade normal de reportar a morte como se ela fosse a maior e única vilã que age contra a humanidade. Contrera, fazendo uma análise do fenômeno jornalístico diz:

O jornal, ao pautar o nascimento do dia, noticia-o por meio das catástrofes da sociedade, de uma escatologia do cotidiano. Desse modo, noticiando a morte, esvazia a vida de vida e vivifica-se a si mesmo como materialidade que se torna um fim (2000, p. 61).

Hoje podemos ampliar esse mesmo fenômeno para as mídias eletrônicas por meio da ação de algoritmos que direcionam, de forma automática, os usuários para conteúdos que os manterão aprisionados durante cerca de 1/3 do dia nos aparatos eletrônicos (AMADEU, 2017) (MEEKER, 2018). Grande parte do conteúdo consumido é formado por notícias sensacionalistas, *fake news* e algumas vezes até por conteúdos verdadeiros, porém divulgados de uma maneira chocante com a clara intenção de espalhar medo e pânico (CONTRERA, 2002). Na história, as manchetes que seguiram ao retorno da senhora morte ilustram com clareza esse mecanismo de funcionamento da mídia:

Depois Do Paraíso O Inferno, A Morte Dirige O Baile, Imortais Por Pouco Tempo, Outra Vez Condenados A Morrer, Xequ-Mate, Aviso Prévio A Partir De Agora, Sem Apelo e Com Agravo, Um Papel de Cor Violeta, Sessenta e Dois Mil Mortos Em Menos De Um Segundo, A Morte Ataca A Meia-Noite, Ninguém Foge Ao Seu Destino, Sair Do Sonho Para Cair No Pesadelo, Regresso A Normalidade, Que Fizemos Nos Para Merecer Isto, etc, etc... (SARAMAGO, 2005, p. 110).

Então aqueles que deveriam ter morrido até aquele momento cessariam de viver exatamente à meia noite daquele mesmo dia. Para os outros, aqueles que viessem a morrer no futuro, a morte criou uma nova regra que julgava mais justa em relação ao procedimento até então utilizado: a partir daquele momento as pessoas receberiam individualmente uma carta dentro de um envelope violeta rescindindo o *contrato temporário a que chamamos vida*. A partir do recebimento de tal carta a pessoa teria sete dias para tentar sair do mundo em paz com suas pendências terrenas.

Exatamente como os meios jornalísticos pareceram intencionar, mais do que o retorno do medo, o pânico tomou conta da população. Tentaram até, através de investigações minuciosas, encontrar a morte para cobrar dela satisfações de suas ações e quem sabe convencê-la ou forçá-la a suspender novamente suas atividades assassinas. Aqui encontramos um dos motivos que nos levam ao adoecimento individual e social em que nos afogamos atualmente: a ideia confusa de que porque podemos construir coisas maravilhosas temos o poder para fazer absolutamente qualquer coisa sem levar em consideração as consequências desses atos para o resto do planeta e para a própria vida humana. Contrera elucida esse fenômeno quando escreve:

Talvez a grande armadilha de nosso tempo seja essa perversão econômica que quer nos fazer crer que todo o sonho é representável e que tudo que é possível fazer tenha de ser feito. É por meio desse literalismo que o diabólico vence sobre o simbólico. (2015, p. 462)

O processo diabólico de controle exercido pela mídia eletrônica se dá exatamente pela exploração da ambiguidade e da relação próxima do medo da morte e da curiosidade humana natural por ela. Ficamos presos numa dinâmica kafkaniana que pode se encontrar resumida nas seguintes palavras:

Pelo medo, inflamamos os signos, símbolos e as próprias imagens, para que nos protejam como escudos. E passamos a viver dentro da armadura dos signos e símbolos, as imagens de corpos. Mas é impossível ver o mundo por detrás

dos escudos. Passamos a ver a face interna dos escudos que nos recordam o medo do mundo e o mundo do medo. (BAITELLO, 2014 p. 23-24)

Com o retorno da morte tudo passa a ser urgente, ainda mais do que antes. O tempo, antes tratado como algo supérfluo, torna-se a coisa mais importante que as pessoas possuem. Mas não foi sempre assim? Nosso tempo é aquilo de mais valioso que podemos oferecer aos outros e a nós mesmos. Não há dinheiro, poder, posição social ou política capazes de salvar aqueles que receberem as cartas da dona morte. E como sempre, a pergunta mais importante que podemos nos fazer é: o que eu devo fazer com o tempo que me resta? Em nome do progresso e do futuro, a indústria usurpou o tempo presente dos corpos humanos. A vida vivida apenas como trabalho e meio de produção perde sua dimensão simbólica e com ela os ritos, as cerimônias, as festas e comemorações sadias e saudáveis – substituídas por baladas regadas a drogas que levam também ao anestesiamento do corpo (ROMANO, 1998). A mídia eletrônica prega a produção, o trabalho e o consumo, e para que essa engrenagem continue a funcionar a morte precisa ser negada principalmente na dimensão simbólica. Se o indivíduo refletir sobre sua própria finitude terá a chance de descobrir que está usando seu tempo da maneira errada, ou que está sendo roubado dele. Para a sociedade do consumo e da produção este obviamente não é um comportamento desejado, o progresso precisa seguir avançando e nesse caminho destituir o indivíduo de seu corpo, sua vida e sua morte. No seguinte diálogo a morte é perguntada sobre o local onde vive e durante a conversa define a vida com simplicidade ao mesmo tempo que aponta para a complexidade do fenômeno:

Não vive aqui, Viver aqui, o que se chama viver, não vivo, Não entendo nada, falar consigo é o mesmo que ter caído num labirinto sem portas, Ora aí está uma definição da vida, Você não é a vida, Sou muito menos complicada que ela... (SARAMAGO, 2005, p. 198).

A morte enxerga a vida humana como um “labirinto sem portas”. Nesse labirinto de imagens somos obrigados a abandonar nossos corpos. Tornamo-nos escravos de fórmulas algorítmicas que dirigem nosso comportamento para que continuemos presos nessa dinâmica. A variação dos ritmos naturais da vida é eliminada, tudo fica acelerado num mecanismo que mantém nossas mentes aprisionadas em uma sucessão infinita de imagens. O tempo some e com ele o corpo para que seja possível fazer, no mundo virtual, tudo aquilo que as limitações físicas não permitem que seja feito no mundo real.

A nossa vida tem um determinado ritmo e ritmos variados que são, em última instância, ditados pelos nossos corpos. Nós sabemos, hoje, que a partir dos nossos corpos nós não temos condições de fazer tudo, há um tempo ditado pelo próprio corpo, que e quem fornece uma especie de medida e fixa limites. E se descobrimos que não podemos fazer tudo o que queremos com o nosso corpo, seria, então, possível pensar na possibilidade de fazer coisas sem o nosso corpo, desconsiderando-o e assim pôde-se compreender por que existem certas tentativas de fazer com que seja aumentada a cisão nas pessoas entre o tempo da natureza, o tempo do corpo, por um lado e o tempo das máquinas, por outro lado. (KAMPER, 1998, p. 36)

4. Morrer e amar

Então, de repente, da mesma maneira abrupta que a pandemia da promessa da vida eterna começou, ela se esvai quando a morte decide retornar às suas atividades normais, em

Saramago (2005). Foi assim também que o COVID-19 chegou. Trazendo para perto a ideia de que podemos morrer por respirar¹³. Embora isso sempre tenha sido assim, precisou uma pandemia para nos lembrar do funcionamento natural da biologia: quanto mais respiramos, mais morremos. A melhor, e talvez única maneira de negar esta natureza é: para fugir da morte devemos parar de respirar. Parece um paradoxo, porém, não é nada mais do que uma presença de uma ausência (BELTING, 2007), ou melhor, um perfil nas mídias sociais com suas inúmeras fotos. Talvez, acreditamos que "morrendo" no corpo (mortal, perecível) e vivendo nas imagens midiáticas podemos impedir que Tântalos nos leve, frustramos assim sua tentativa o enganando. Sem suportar a ideia de morrer pelas mãos do outro, nos matamos simbolicamente e literalmente.

O comportamento suicida¹⁴ é a marca da contemporaneidade e se expressa simbolicamente quando abandonamos nossos corpos às moscas para viver sentados e sedados no mundo das imagens exógenas. Baitello nos diz:

É no mínimo instigante que as palavras “sentar” e “sedar” sejam irmãs muito íntimas, filhas da mesma palavra-mãe latina. Ambas vem de “sedere” que significava, ao mesmo tempo, “sentar” e “acalmar”. (BAITELLO, 2012, p. 21)

Afastado corpo e do mundo simbólico, resta ao ser humano vincular-se às imagens exógenas que funcionam, nesse caso, como escudo psicológico que o protege da angústia de pensar na própria mortalidade.

O resultado é que o homem dos séculos XX e XXI se vê continuamente solicitado a responder às imagens do mundo, mas não pode organizá-las no seu próprio mundo interior, caótico e subnutrido de vínculos internos, perdendo o contato com suas próprias histórias. Assim, o homem contemporâneo está cada vez mais saturado de imagens exógenas e subnutrido de imagens endógenas. Este seria um dos fenômenos que contribuem para o atual desequilíbrio na 'ecologia da comunicação'. (CONTRERA, 2006, p. 119)

A saída para o dilema está na ação absurda de aceitação da antinomia. Para Camus (2019, p. 63), “o homem absurdo compreende que não é realmente livre”. Este homem aceita andar de mãos dadas com a dúvida e a incerteza e aceita que esses são sentimentos genuínos e não patológicos de sua existência. Entende que o grau máximo de liberdade que pode alcançar é o direito de escolher quais serão suas prisões nesse mundo carnal. Aceitando o absurdo pode decidir o que fazer com o próprio corpo e dessa maneira aceita a morte e a vida.

Extraio então do absurdo três consequências que são minha revolta, minha liberdade e minha paixão. Com o puro jogo da consciência, transformo em vida o que era convite à morte – e rejeito o suicídio. Conheço sem dúvida a surda ressonância que percorre essas jornadas. Mas só tenho uma palavra a dizer: ela é necessária. Quando Nietzsche escreve: ‘Parece claramente que o principal, no céu e na terra, é obedecer por longo tempo e na mesma direção: afinal daí resulta alguma coisa pela qual se cale a pena viver nessa Terra, como por exemplo a virtude, a arte, a música, dança, a razão, o espírito, alguma coisa que transfigura, algo refinado, louco ou divino’, ele ilustra a regar dessa moral de grande porte. Mas mostra também o caminho do

¹³ Cf. Portal ABC (2020).

¹⁴ Segundo SuicídioBrasil (2014) o suicídio é a 2ª maior causa de morte entre jovens e adolescentes no mundo.

homem absurdo. Obedecer à chama é o ao mesmo tempo o que há de mais fácil e de mais difícil. (CAMUS, 2019, p. 68)

Junto com o absurdo, deveríamos perceber o que há de ridículo na nossa existência. Palavra que se origina da expressão latina *ridiculus* que significa “aquilo que provoca o riso”. Ridicularizar, portanto, é transformar algo em motivo de riso. Precisamos entender nossas pequenezas e grandezas. Somos ridiculamente pequenos perante a vida e a morte e precisamos aprender a transformar isso em expressões da alma. Rir da vida e com a vida, da morte e em sua companhia. A melhor maneira de fazer isso, diminuindo o valor energético dessas imagens é manifestar a dúvida e angústia existencial inerentes à condição humana através de uma vida rica em símbolos. O símbolo é a linguagem da alma, ela precisa se manifestar e isso não pode ocorrer de outra maneira se não através do corpo.

Dessa maneira, entrar em contato com sua própria alma e conviver com as imagens que ela abriga parece ser a sugestão de uma prática terapêutica necessária frente a esse atual estado de crise do simbólico do qual vimos tratando. Mas aí mais uma vez somos convidados a um mergulho interior que passa pelo resgate das propriocepções corporais. Sonhar, meditar, devanear são gestos do corpo, tais como a dança, o gesto artístico, o afago que convidam a um mergulho interior, ao resgate das imagens internas que se agitam na alma.” (CONTRERA, 2015, P. 464)

O amor, segundo a concepção de Jung (2012), é uma ação e não simplesmente um sentimento. Amar é permitir que o outro se manifeste, é o contrário de poder e controle. Amar a vida é permitir que ela simplesmente seja, aconteça, viva. Isso só pode acontecer se aceitarmos que a morte faz parte do processo. Como é difícil amar a si mesmo! Devemos nos perguntar constantemente o quanto estamos presos em valores sociais, culturais, capitalistas e consumistas que nos mantêm presos em comportamentos que não nos levam a um verdadeiro crescimento como seres humanos. E como só podemos dar aquilo que possuímos, não será possível amar a outro se não conseguirmos fazê-lo primeiro conosco. Como todo par de antinomia, muitas vezes odiamos aqueles que amamos, incluindo a nós mesmos. Detestamos certas coisas sobre nós e gostamos de muitas outras. A cura, portanto, é o amor, e o amor é aceitar antinomias. Na história, a morte acaba encontrando em um homem de carne e osso, a sua metade anímica. Nesse momento o mundo entra novamente em suspensão. Desta vez porque, numa leitura simbólica, ela encontrou seu par, sua alma, sua vida e sua própria morte. Ao invés de buscar e implorar pelo amor dos humanos através de ações reativas e inconsequentes, encontrou o amor dentro de si. Humanizou-se. A descrição não poderia ser mais perfeita e, de maneira alguma, deixar de fora a importância do corpo no processo. No toque e no sono nunca sentidos antes, deitada ao lado da pessoa amada, a morte parecia estar em paz. No final do livro o autor nos deixa a tarefa de refletir sobre o que poderia acontecer se a própria morte encontrasse o amor. Saramago encerra o texto – não a história - com a seguinte passagem: “A morte voltou para a cama, abraçou-se ao homem e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu.” (SARAMAGO, 2005, p. 207)

Considerações finais

Nossa intenção principal com o presente artigo foi a de incitar uma reflexão acerca da possibilidade da aceitação da morte como companheira da vida ao longo da nossa existência. Aproveitamos a oportunidade para descrever como a sociedade contemporânea, influenciada principalmente pela mídia digital acaba afastando-se do corpo, negando a morte e também a

vida. Sendo essa a paradoxalidade fundamental da angústia humana, aceitando esse absurdo criamos a possibilidade de inventar um sentido maior para a nossa própria vida. Esse é um ato consciente de entrega que devemos tomar em favor do inconsciente, do simbólico e do imaginário. Somente assim surgirá, entre a conversa entre caos e ordem, razão e irrazão, um novo caminho que dará sentido e significado anímico para cada um de nós. Nesse processo, é nosso dever e responsabilidade social utilizar a nossa capacidade criativa para servir à coletividade sempre levando em consideração o particular e o universal como pares de opostos que se complementam. Como disse Jung sobre o seu próprio processo criativo:

O espírito da profundidade tomou minha razão e todos os meus conhecimentos e os colocou a serviço do inexplicável e do absurdo. Ele me roubou fala e escrita sobre tudo que não estivesse a serviço disto, isto é, da inter fusão de sentido e absurdo, que produz o sentido supremo. (JUNG, 2015, p. 229-230)

Este espírito da profundidade, para Jung (2015), apesar de não poder ser vislumbrado face-a-face, pode ser visto à meia luz por meio de imagens que permitem a simbolização. Neste artigo buscou-se as imagens da literatura de José Saramago, Franz Kafka e Albert Camus a fim de reconhecer ideais, comportamentos e atitudes da contemporaneidade, nada obstante, estes não são os únicos que se possa realizar tal análise, ainda é necessário continuarmos ampliando e desdobrando os conteúdos simbólicos.

Referências

- AMADEU, Sérgio. **Tudo Sobre Todos: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais**. São Paulo: Ed. Sesc, 2017.
- AZEVEDO, Cristiane. A procura do conceito de religio: entre o relegere e o religare. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**. v. 7, n. 1, p. 90-96, 2010.
- BAITELLO JR, Norval. **A Era Da Iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hakers Editores, 2014.
- _____. **O Pensamento Sentado**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Estudos do imaginário: a iniciação como método. In: _____ ; CONTRERA, Malena. **Imag(em)inário: Imagens e imaginário na Comunicação**. Porto Alegre: Imaginalis, p. 22-36, 2018.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- BELTING, Hans. **Antropologia de la imagem**. Madri:Katz, 2007
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986
- BRANDÃO, Junito. **Dicionário Mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 2014
- _____. **Mitologia Grega. vol.1**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. **Mitologia Grega. vol.2**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento Ltda, 1997.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain **Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2015.

CONTRERA, Malena Segura. A imagem simbólica na contemporaneidade. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p. 456-466, 2015. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201534.456-466>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/60435/35806> Acesso em: 18 nov. 2020.

_____. Na selva das imagens: Algumas contribuições para uma teoria da imagem na esfera das ciências da comunicação. Significação: **Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 33, n. 25, p. 113-126, 2006. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2006.65623. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65623>. Acesso em: 18 nov. 2020.

_____. Publicidade e Mito. In: _____ ; HATTORI, Osvaldo T. **Publicidade e Cia.** São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

_____. **O mito na mídia.** São Paulo: Annablume, 2000

_____. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia.** São Paulo: Annablume, 2002

CONTRERA, Malena Segura; TORRES, Leonardo. O zumbi no imaginário mediático: Zumbi e Pulsão de Morte na Sociedade Mediática. **E-Compós**, v. 22, n. 1, 21 dez. 2018

CONTRERA, Malena Segura; TORRES, Leonardo. Sob as Asas de Tântatos o que a obsessão pelo tema da morte revela. **Compós** 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_BYW4RJLIFVMEA3F5DTZ3_28_7342_13_02_2019_12_43_30.pdf Acessado em 20 jun. 2020.

CONTRERA, Malena Segura; TORRES, Leonardo. Imaginário e Contágio Psíquico. **Revista Intexto**. n.40. set/dez. 2017. DOI: 10.19132/1807-8583201740.11-22. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/73671/43474>. Acesso em: 22 nov. 2017.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na civilização.** São Paulo: Penguin Classics Cia. Das Letras, 2011. São Paulo: Penguin Classics Cia. Das Letras, 2011

_____. **As pulsões e seus destinos.** São Paulo: Ed. Autêntica: 2013. São Paulo: Ed. Autêntica: 2013. São Paulo: Ed. Autêntica: 2013. São Paulo: Ed. Autêntica: 2013.

GIRARD, René. **O bode expiatório.** Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

HILLMAN, James. **Suicídio e Alma.** Petrópolis: Vozes 2011.

_____. **Paranoia.** Petrópolis: Vozes, 1993.

HOBBS, Thomas. **Do Cidadão.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da Personalidade** Petrópolis: Vozes, 2018

_____. **A Natureza da Psique.** Petrópolis: Vozes, 2017

_____. **A energia psíquica.** 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2016

_____. **O livro vermelho.** Edição sem ilustrações. Petrópolis: Vozes, 2015

_____. **Psicologia do inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 2014

_____. **Aspectos do drama contemporâneo.** 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012

KALLAS, Carolina L. **Arqueologia da Selfie: análise da tecno-imagem nos ambientes comunicacionais contemporâneos.** UNIP. São Paulo, 2017.

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida.** São Paulo: Anannablume, 1998

- KAFKA, Franz. **O processo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- LIDBERG, Christian. Portal Vermelho - MEC retira matéria de Filosofia do ensino médio. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2018/04/04/mec-retira-materia-de-filosofia-do-ensino-medio>. Acessado em 10 nov 2020.
- LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Dionísio no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo**. São Paulo: Pauli's, 2002.
- MAGALDI, Waldemar Filho. **Dinheiro Saúde e Sagrado**. 2.ed. Eleva Cultural, 2009.
- MEEKER, Mary. **Internet Trends 2018 Report, Code Conference May 30th, 2018**. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/kleinerperkins/internet-trends-report-2018-99574140>. Acesso em: 01 set. 2018.
- MORIN, Edgar. **O Enigma do homem: para uma nova antropologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- _____. **O Homem e a Morte**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- _____. **Introdução ao Pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina. 2007.
- NICOLÓSI, Regina Helena. **Naturalidade sem natureza: a construção da mulher como simulacro na Revista Plástica & Beleza**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PORTAL ABC. **Pneumologista explica no TBC 1 como a Covid ataca os pulmões**
Disponível em: <https://www.abc.go.gov.br/noticias/pneumologista-explica-no-tbc-1-como-a-covid-ataca-os-pulmoes.html#:~:text=Segundo%20ela%2C%20o%20ataque%20do,normalmente%20por%20exame%20de%20imagem> acessado em 20. Nov 2020.
- ROMANO, Vicente. **La formación de la mentalidade sumisa**. Madrid: Endymion, 1998.
- SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SILVA, Maurício Ribeiro da. **Na Órbita do Imaginário: comunicação, imagem e os espaços da vida**. São José do Rio Preto: Bluecom Comunicação, 2012.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- Suicídio Brasil**. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/Coletiva-suicidio-21-09.pdf>. Acessado em 27 mar. 2018.